



# QUA REN TENA

14 HISTÓRIAS  
EM TEMPOS DE  
CORONAVÍRUS

Leonardo Gaglio



Editora

UNC

LEONARDO GAGLIO

**QUARENTENA: 14 HISTÓRIAS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS**

Tradução: Cristiane Zucchi



2020

# QUARENTENA: 14 HISTÓRIAS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

## AUTORIA

Leonardo Gaglio

## TRADUÇÃO

Cristiane Zucchi

## EDITORAÇÃO

Elisete Ana Barp  
Gabriel Bonetto Bampi  
Gabriela Bueno  
Josiane Liebl Miranda

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do  
Contestado

614.4 G135q	Gaglio, Leonardo  Quarentena : 14 histórias em tempos de coronavírus [recurso eletrônico] / Leonardo Gaglio ; tradução Cristiane Zucchi. – Mafra, SC. Ed. da UnC, 2020.  56 f.  ISBN: 978-65-991601-7-2  1. Saúde Pública. 2. Pandemia. 3. Coronavírus I. Título.
----------------	--



**UNIVERSIDADE DO CONTESTADO – UnC**

SOLANGE SALETE SPRANDEL DA SILVA

**Reitora**

LUCIANO BENDLIN

**Vice-Reitor**

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO CONTESTADO – FUnC**

ISMAEL CARVALHO

**Presidente**

**AUTORIA**

Leonardo Gaglio

**TRADUÇÃO**

Cristiane Zucchi

**EDITORAÇÃO**

Elisete Ana Barp

Gabriel Bonetto Bampi

Gabriela Bueno

Josiane Liebl Miranda



*Ao Departamento de Doenças Infecciosas  
do Hospital Papa Giovanni XXIII de  
Bérgamo.*

*À Luigi, Pietro, Antonella, Sergio,  
Giacomo, Rosella e todos aqueles que  
combateram o vírus.*

## PREFÁCIO

Temos enfrentado tempos difíceis. A real possibilidade de morte por um vírus assustador, o isolamento social e as incertezas do futuro geram pavor nas pessoas. Quem não teve um familiar ou um amigo próximo contaminado de forma grave pelo vírus talvez não perceba a gravidade da situação. Porém, para milhares ao redor do mundo que sentiram esta triste realidade, foram momentos que os marcarão para toda a vida. Dr. Leonardo Gaglio, em pouco mais de dois meses, trabalhando como voluntário no epicentro da pandemia no Norte da Itália, passou por experiências que muitos profissionais da saúde não passam durante toda a sua vida profissional. Momentos de trabalho incansável, de frustração profissional, onde pouco pudesse ser feito para restabelecer a saúde de seus pacientes, mas também por momentos de esperança e até de alegrias, apesar da pandemia. Quarentena é um livro que traz a história de cidadãos comuns, que no início não acreditavam na doença, como que a maioria das pessoas ao redor do mundo, mas que, em pouco tempo, foram arrastados para dentro da pandemia e puderam sentir todo o desespero da situação. Nos mostra pessoas que trocariam tudo o que tinham para ter mais um dia com a pessoa amada, poder falar o que sentia e nunca teve coragem de dizer. Quarentena apresenta com enorme clareza a luta incansável dos profissionais da saúde, que abriram mão de sua própria segurança, assim como fez o nosso autor, para dar uma chance de dias melhores para seus pacientes. Nos mostra a importância de gestos simples, como um toque de mão, que pode ser o estímulo que falta para uma pessoa se levantar e lutar por dias melhores. Fala de tristes perdas que ocorreram, mas também de esperança de um dia podermos voltar a encontrar as pessoas que são importantes para nós. Poder refletir sobre como nos distanciamos dos verdadeiros valores que importam na vida. Não tem como não se emocionar com a leitura. Quarentena é um livro para ser lido e relido. É um livro que fala de tragédia, mas também de amor. É um livro para pensar em como a vida é frágil e como temos que dedicar cada minuto que nos resta para o bem do próximo, só assim conseguiremos a nossa paz.

Dr. Vagner Marcolin Trautwein  
Coordenador do Curso de Medicina da UnC

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
DIA UM.....	10
DIA DOIS.....	13
DIA TRÊS.....	16
DIA QUATRO.....	20
DIA CINCO.....	24
DIA SEIS.....	27
DIA SETE.....	30
DIA OITO.....	34
DIA NOVE.....	37
DIA DEZ.....	40
DIA ONZE.....	43
DIA DOZE.....	46
DIA TREZE.....	49
DIA QUATORZE.....	52
DIA QUINZE: A REVELAÇÃO.....	54

## INTRODUÇÃO

Sou um Médico. Com o início da pandemia do Novo Coronavírus senti a necessidade de escrever alguma coisa que pudesse ser útil à humanidade. Decidi analisar os vários aspectos da humanidade em face de algo novo e desconhecido.

Assim, comecei a escrever este texto, exatamente quando o mundo dedicava-se a conhecer a face desse maldito vírus, antes, ainda, de tê-lo conhecido pessoalmente.

As primeiras páginas do livro nasceram entre os muros da Academia Naval de Livorno quando eu ainda me dedicava a concluir o curso para oficiais médicos da Marinha Militar.

Iniciava a emergência Covid-19 e o mundo militar mobilizava-se para atender a todas as necessidades estratégicas e sanitárias.

Senti que deveria disponibilizar-me como voluntário nas missões que estavam sendo organizadas para atendimento da população residente nas zonas vermelhas.

O comando das Forças Armadas havia organizado uma missão para Bérghamo, na região Lombardia, norte da Itália e no coração da pandemia, onde o Coronavírus fizera tantas vítimas e causara imensa dor.

A Marinha Militar acolheu a minha solicitação e na noite de 15 de março parti para apresentar-me ao Departamento de Doenças Infecciosas do Hospital Papa Giovanni XXIII de Bérghamo e unir-me a tantos colegas que enfrentavam aquela emergência.

Tive, dessa maneira, a possibilidade de ver de perto uma realidade que, geralmente, não chega até à vida civil, e de oferecer as minhas competências a essa emergência, o que me fez crescer muito como pessoa e como médico.

Frequentemente, lendo as mídias e falando com amigos que residiam em cidades menos atingidas, percebia que nem todos tinham a real consciência daquilo que acontecia dentro dos hospitais, dentro das casas e com as famílias que choravam suas vítimas do Coronavírus.

Como escritor imparcial, tornei-me protagonista de algumas narrativas presentes neste livro e me senti obrigado a deixar um pouco de mim nestas páginas, buscando, com frequência, exorcizar o medo e a dor.



Jamais esquecerei a expressão de Luigi, que após ter contraído o Sars-Cov1, teve um difícil quadro clínico. Visitava-o todos os dias e apertava-lhe a mão, sussurrando em seu ouvido que precisava usar a máscara de oxigênio para ficar bem, sussurrava-lhe os nomes dos familiares, ressaltando que estavam bem e que o esperavam em casa. Pedi orientação em toda a Itália para poder ajudá-lo, até que um dia Luigi retomou a consciência em meio a todos nós. Mas a vida é estranha, e depois de ter vencido o vírus ele precisou enfrentar diversas complicações que sempre o mantiveram na trincheira combatendo pela vida. Eu prometi à Luigi que quando ele saísse vencedor daquele departamento eu o presentearia com a minha camiseta da Marinha Militar pois ele estava sendo um verdadeiro guerreiro. A partir daquele momento, todos os dias ele me contava o quanto sonhava em poder almoçar com sua família, na beira do lago próximo a sua casa, todos vestidos com roupas de festa e ele com a camiseta da Marinha Militar que eu o havia presenteado.

Não foi fácil escrever no auge das minhas emoções; acredito que seja mais fácil escrever após racionalizar por um tempo, entretanto, mantendo-me persistente, busquei retratar a realidade fielmente, descrevendo-a, porém, com delicadeza e doçura.

Escrevi 14 histórias para 14 dias; 14 por considerar o número dos dias de quarentena que cada um de nós vivenciou, em modo diverso.

Espero que a leitura destas histórias provoque reflexão, e possa expressar e recordar tudo o que vivenciamos, mesmo que com o filtro da televisão ou das páginas escritas, como neste caso.

Tenho a certeza de que aqueles que se debruçarem, de coração aberto, na leitura deste livro conseguirão ter a exata noção daquilo que foi e daquilo que poderá ser após tudo terminar.

O meu desejo é que todos possam, finalmente, absorver o melhor dos dias vividos e dos dias vindouros, mas sobretudo, que se possa redescobrir o verdadeiro valor do Amor.

O Amor, que na falta de uma vacina é a única cura para uma doença desconhecida que comoveu o mundo.

Agradeço à Marinha Militar por ter permitido que eu exprimisse, na prática, todos os valores intrínsecos em mim.

Agradeço a minha família por ter perdoado as minhas mentiras pelo bem maior.

Agradeço a todos os colegas médicos com quem convivi durante essa dura experiência.

Agradeço à Maria Terranova, amiga inseparável, que desejou muito este livro.

Agradeço à Eloise Lenobile pela sua preciosa colaboração na revisão do texto.

*Qualquer referência a pessoas ou fatos reais ocorridos é meramente casual.*

## DIA UM

A campanha finalmente anunciava o início da recreação, era chegado o momento tão esperado. Federica estava ali, atrás do seu banco, pensativa, com o olhar fixo no quadro negro. “Está ainda mais linda do que o habitual”, pensei comigo mesmo. Eu deveria tomar uma atitude, pois já fazia mais de um ano que eu pensava que deveria confessar-lhe tudo, dizer que sou louco por ela, mas eu não conseguia, era mais forte do que eu. Quando estava diante dela me sentia paralisado, como se houvesse mau contato entre minha boca e meu cérebro.

Mais alguns meses e o Ensino Médio chegaria ao final. Mas como se faz para dizer a uma garota que desde o primeiro momento em que a vi entendi que seria ela a mulher perfeita pra toda a vida?

“Coragem, hoje é o dia perfeito”, continuava a repetir para mim mesmo, em pensamento, buscando criar coragem.

Levantei-me e minhas pernas tremiam. Não sei qual era a distância que nos separava, provavelmente, algo em torno de cinco metros, mas que pra mim pareciam quilômetros.

Os colegas de classe discutiam, animadamente, enquanto Federica continuava pensativa, sempre com a cabeça nas nuvens. Agora, menos de um metro me separava dela e finalmente eu poderia dizer-lhe tudo aquilo que desejava.

- “Você ouviu que, provavelmente, não faremos a viagem de encerramento da escola?” disse-me, melancólica, enquanto eu me aproximava, como se soubesse que eu estava ali por ela, mesmo estando de costas para mim.

- “O-o-o quê?” Respondi, iniciando minha gagueira, engraçada, de sempre.

- “Disseram isso na TV, e também os professores do primeiro horário, mas onde você está com a cabeça?”

Eu responderia com prazer que tudo o que eu tinha na cabeça era ela. Gostaria de ter dito que sonho com ela todas as noites, que penso nela em todos os momentos do meu dia, mas consegui dizer somente - “Bem, estou um pouco distraído.”

- “Não deveria, parece que a situação é muito grave, um vírus chinês está se difundindo rapidamente e alguns dizem que ... pode até matar”. - “Fique tranquila,

será mais uma daquelas notícias falsas e que daqui a alguns dias terá acabado”, respondi pretensioso. - “Será...?” disse ela ofegante.

A campainha interrompe a conversa, nos cumprimentamos e retornei para meu banco. Novamente não fui capaz de me declarar; sou um incapaz!

De repente, meu cérebro começou a funcionar, como se tivesse sido, improvisadamente descongelado. Não faríamos a viagem da escola. Isso tudo não faz sentido, pois, passamos anos e anos pensando na viagem do final de ano da escola e agora, por uma estúpida gripe, querem nos privar desse momento.

- “Mas são loucos!”, disse ao meu colega de banco, o qual me repreendeu e me sugeriu fazer silêncio porque o professor estava explicando.

Não conseguia me convencer de como aquilo tudo poderia ser possível, era uma grande injustiça. Ainda que os professores explicassem, não conseguia pensar em outra coisa; até a possibilidade de estar um pouco a sós com Federica tinha ido pelos ares. O que eu teria feito de mal para merecer isso? Federica também parecia incomodada, continuava a olhar fixo para o quadro, não ouvindo as palavras do professor. Pensamentos e mais pensamentos começaram a encher minha mente. Se, de certa forma, eu estava incomodado e irritado pelo cancelamento da viagem, por outro, eu havia caído na armadilha desesperada do amor. Não teria mais a possibilidade de passar alguns dias com os amigos, brincando dia e noite longe de casa, não teria mais a possibilidade de me declarar para Federica durante aquelas férias.

- “Tens razão, não podem nos impedir de ir. Não teremos mais a possibilidade de fazer uma viagem com a escola”, disse-me Marco, e desta vez não consegui replicar.

Com os olhos cheios de lágrimas e um nó na garganta eu queria somente gritar. Fiquei em silêncio, enquanto os professores entravam e saíam da sala e os colegas folheavam os livros.

Ao final da última hora da manhã uma dor de cabeça absurda me acometeu, talvez, por causa dos pensamentos que me torturavam há horas. Decidi organizar minha mochila o mais rápido possível para seguir Federica e, com um pouco de sorte, poder me despedir. Porém, antes que eu terminasse, ela se foi e não a vi mais. A passos largos pelo corredor a procurava, em meio às cabeças dos outros alunos que gargalhavam, mas nada! - “Que falta de sorte! Hoje é realmente um dia

para esquecer!”, pensei, enquanto passava rapidamente em meio aos outros alunos. Eu tinha que me despedir desta vez, talvez, conseguisse lhe dizer algo.

Um sol ofuscante me esperava do lado de fora da porta. Enquanto tentava focar a imagem, tudo o que vejo é Federica, dentro de um carro que desaparecia pela estrada.

- “Amanhã, absolutamente, me declararei a ela e lhe perguntarei se quer ficar comigo”, disse em voz baixa.

Retomei meu caminho para casa, ainda mais triste e enquanto isso, procurava no celular, notícias sobre o novo vírus. A confusão era tanta que parecia que nem mesmo os jornais tinham ideias claras.

Adentrei a porta de casa. A televisão, repetitiva, não noticiava nada, além do vírus e minha mãe parecia preocupada. Pensar em Federica era a única coisa que me fazia sentir melhor. Minha mãe com a voz baixa, provavelmente, escondendo o medo desse vírus, me chamou para sentar à mesa. Já sentado, escuto o anúncio na televisão: “Para que o vírus possa ser contido o máximo possível, as escolas deverão permanecer fechadas até nova ordem”.

Senti meu coração gelar, tudo ao meu redor desapareceu... eu só conseguia ver e ouvir: Federica!

## DIA DOIS

Eu havia esquecido de desativar o despertador, que me acordou às 7 horas, mas, hoje, as escolas, em toda a Itália, estavam fechadas. A escola era o único modo que eu tinha para me alienar, uma vez que, em casa, as discussões entre meus pais tinham se transformado em uma trágica trilha sonora.

Decidi desligar o despertador e me afundar, ainda mais, nos lençóis, esperando poder aproveitar um pouco da paz matinal. No outro quarto, a televisão ligada continuava insistente a falar do Coronavírus. Quem sabe quando cessarão de falar disso e recomeçarão a falar dos imigrantes, o mesmo fogo de palha e escopo televisivo que logo terminará, pensei. Enquanto a voz do jornalista estava longe, caí, novamente, num sono quentinho.

De repente, os sons que vinham da cozinha me fizeram saltar da cama. - “Se recomeça”, pensei. Era um clássico: bastava uma pequena faísca para desencadear a fúria entre os meus pais. Naquele momento, automaticamente, decidi tomar o café da manhã, de qualquer forma eu já havia acordado, mesmo que da maneira menos agradável que se pudesse.

Peguei leite e cereais e comecei a comer enquanto, de ambas as partes da mesa, discutiam furiosamente. Já, há algum tempo, eu estava acostumado a não me importar, buscava me distrair aumentando o volume da televisão e alienando-me do contexto. Coloquei os fones de ouvido e, olhando o Facebook, explorei as novidades. As mídias sociais, também, pareciam estar sintonizadas exclusivamente com o Coronavírus. Em geral, anunciavam que todas as escolas estavam fechadas, que era melhor limitar os deslocamentos e não sair de casa; em certos casos, a doença poderia ser mortal.

Pensei, que talvez tudo isso pudesse permitir às pessoas apropriarem-se, novamente, da própria vida e redescobrirem a beleza das pequenas coisas. Ao ver os meus pais, porém, naquele momento, parecia, absolutamente, que não fomos criados para apreciar, mas somente para atormentar aquela vida que já por si só, as vezes, se apresentava tão complexa.

- “Quer vir comigo visitar sua tia?” a voz da minha mãe soluçando me fez erguer a cabeça do telefone. - “Como quiser”, lhe respondi. - “Vá se preparar”, disse ela. Retornei ao meu quarto e comecei a me vestir. Nem mesmo diante de situações

que deveriam fazer nos sentir mais próximos, conseguimos nos amar, e nos transformamos, ainda mais, em egoístas e inadequados diante da própria miséria. Será mais uma jornada de choramingo na casa da minha tia, enquanto eu brinco com meus primos pequenos.

Não sei há quanto tempo isso havia se transformado em uma rotina. Um pouco confuso e amargurado, havia decidido permanecer passivo diante daquilo tudo, porque, de qualquer forma, eu não podia fazer nada. Eu havia tentado, por diversas vezes, intrometer-me, mas tudo o que acontecia era ganhar um tapa e ouvir a frase: - “Se não fosse por você já teríamos nos separados, livres e tranquilos”.

Como se fosse culpa minha ter nascido, certamente que não fui eu que escolhi vir ao mundo e nascer naquela família. Por mim teria preferido nascer em qualquer outro lugar, bem longe deles e não teria jamais desejado, sequer encontrá-los pela estrada.

E, enquanto os grupos de WhatsApp explodiam em imagens divertidas sobre Coronavírus, que debochavam das medidas cautelares, me preparei. - “Faltava mesmo um vírus que invadissem tudo e que fizesse um pouco de limpeza”, pensei comigo mesmo, mas, no mesmo momento me arrependi de ter sido muito severo em meus pensamentos.

Segui minha mãe e nos dirigimos em direção à casa da minha tia. O mundo corria normalmente fora da janela do carro, quem sabe, se não seria o caso de ser um pouco cauteloso. Minha mãe estava em silêncio, mas algumas lágrimas escorriam em seu rosto. Eu não conseguia sentir compaixão, haviam feito muito mal a mim e eu não tinha mais lágrimas para emprestar a eles.

Chegamos na casa da minha tia e a cena imaginada se repetiu, como eu previra. - “Marco, você vai brincar com os teus primos”, ordenou ela abraçando minha tia. Como sempre, eu deveria ser a babá, enquanto elas falavam do meu pai. No fundo, eu invejava meus primos, cinco e seis anos, inconscientes, sem saber o que os esperava no futuro, fora do quartinho; viviam sem qualquer preocupação. As crianças não têm medo de nada, senão, daquilo que os adultos temem. Recordo bem quando nasceu dentro de mim a fobia pelas serpentes, foi minha mãe a desencadeá-la, enquanto eu brincava, sereno, com uma serpente de borracha e que, de repente, joguei sobre ela. O seu terror, em ver aquele brinquedo inocente, e seus gritos, semearam, em mim, um medo inédito que ainda hoje me persegue.

- “Marco, sabe que não vamos mais à escola? Tem o coronavírus”, me disse Filippo, enquanto brincava com alguns blocos. “Coronavírus se diz ... é sim, eu sei, mas fique tranquilo, vai ficar tudo bem, basta se lavar com frequência”, eu disse com uma risada, bagunçando seus cabelos enquanto ele ria e se distraía. O problema eram os adultos, não as crianças, essa era a única esperança que eu tinha para mim e para o meu mundo.

Já era quase noite, terminada a choradeira de minha mãe, entramos novamente no carro, em direção à nossa casa. Provava uma estranha sensação, enquanto percorríamos as estradas; pequenas aglomerações de pessoas próximo aos negócios. Quem sabe o que estava acontecendo. Minha mãe permanecia em silêncio durante todo o trajeto.

Até que de repente me pergunta: - “Tudo bem na escola?” - “Sim, sim”, me limitei a responder. Como se ela mesma não soubesse que o problema não era na escola, mas em casa, aquela casa que tinha estragado a minha infância, aquela mesma infância que não retornaria nunca mais. Em silêncio chegamos em casa. Ultrapassada a porta de casa, a voz do meu pai ressoou em toda a sala - “Onde você esteve? Foi chorar na casa da tua irmã?”. Tudo recomeçava, enquanto os dois retomavam os insultos, censuras e maldades.

A televisão, ao fundo, mostrava imagens de máscaras de proteção das vias respiratórias, “CORONAVIRUS: fiquem em casa”, dizia o título. Mas qual casa? Essa não é um lar. Lar é onde se está seguro, onde se tem proteção. Eu, aqui, não estava em segurança. Foi naquele momento que entendi o que eu deveria fazer. Enquanto os meus pais brigavam, improvisadamente, quase movido por um raio, fugi de casa.

- “Marco, Marco aonde você vai?” Senti somente o eco da voz do meu pai. Eu deveria ficar em casa, mas aquela não era uma casa, não era um lar. Comecei a correr o máximo que podia. Nada seria capaz de transformar aquela casa em um lugar melhor, nem mesmo uma catástrofe eminente ou o medo de me perder. E, depois de tantos anos eu, finalmente, consegui chorar, consegui desabafar toda a dor que eu carregava dentro de mim. Ao meu redor passavam grupos de pessoas que me olhavam. Corri, sempre mais, até que encontrei uma barreira de policiais que me fizeram parar. Naquele momento, ofegante parei. - “Aonde você está indo? Deve ir pra casa”, disse-me o policial com a voz enfática.

- “Eu não tenho uma casa”, respondi.



## DIA TRÊS

A chuva batia, insistentemente, na janela e outro dia começava sombrio e triste na zona vermelha. Desde que o município entrou nas medidas restritivas, os dias se tornaram assustadores: todos fechados em casa.

Chegou a mensagem de Melânia: “Nem mesmo hoje não nos veremos?” Cada vez que lia suas mensagens sentia um aperto no peito. Em época de beijos e abraços proibidos, uma mensagem dessas só fazia mal.

- “Mas como faremos? Você sabe que não é possível na quarentena”, lhe respondi, triste, com o coração em pedaços dentro do peito. Esperei uns dez minutos, mas Melânia não respondeu mais. Levantei-me e fui até a cozinha para tomar o café da manhã. Minha mãe estava sentada à mesa com a cabeça apoiada entre as mãos. - “Como vai?”, me sussurrou. - “Bem, mãe, bem. Terminará...” respondi, dando-lhe um leve tapinha nas costas. Timidamente, peguei um café e me debrucei na janela.

As ruas da cidade, habitualmente, lotadas de gente, deixavam espaço a uma atmosfera espectral. As pessoas caminhavam rapidamente e se cumprimentavam timidamente. A verdadeira doença se combatia cada um dentro de si. Nos descobríamos frágeis, pequenos. A guerra com o invisível tinha nos tornado cautelosos inclusive com os mais íntimos.

Pensei que poderia ter sido a ocasião para nos unirmos mas descobri que serviu justamente para nos dividir. Meus amigos me contavam que frascos de desinfetante haviam se transformado em algo precioso e no supermercado as pessoas os roubavam dos carrinhos de compras de outras pessoas. Tínhamos nos tornado animais, mais egoístas do que se possa imaginar. Que raça miserável o ser humano!

E, enquanto, no restante da Itália, festejava-se o carnaval e as pessoas encontravam-se para confraternizarem nos bares, o vírus havia decidido nos acometer e nos tirar o véu da ilusão. Na verdade, havia nos dado a possibilidade de nos mostrar a nossa essência.

- “Sinto sua falta”, é sempre Melânia no celular. Os soluços de minha mãe me obrigam novamente a tomar a atitude de tranquilizá-la. - “O que foi mãe?”. - “Tenho medo”, me responde, “tanto medo”. - “Mas, de quê?” - “Tenho medo do vírus, que

nos contagie, que termine a comida, tenho medo de morrer”, me disse. - “Mãe, fique tranquila, não se morre por causa de um vírus, não terminará nada, não chore”. Eram momentos em que eu teria escapado para longe, nos quais eu pensava que não estávamos prontos para enfrentar nenhuma instabilidade. O amor, somente o verdadeiro amor poderia nos salvar e nos proporcionar a harmonia que buscávamos.

Meu pai, em silêncio, assistia o telejornal; as notícias sobre o vírus eram as únicas que eram divulgadas. Eu me perguntava o que o mundo estava fazendo diante de tudo isso e, sobretudo, o que ele estaria fazendo neste momento se não houvesse o vírus.

- “Por que você não me responde?”, outra mensagem de Melânia. - “Amor, estou aqui, estava conversando com minha mãe, tranquilizando-a”, respondi, rapidamente. - “Esta noite venha me buscar aqui em casa e vamos embora”.

Talvez, devêssemos mesmo escapar; os meus pais estão em casa seguros. Aquele amor tão esperado por todos, quem sabe, seja a verdadeira cura para esta epidemia.

- “Ok, à meia-noite passo te buscar, estou com você e estarei para sempre”, escrevi.

- “E aonde vamos?” Não sabia responder minha própria pergunta. Mas quem é que tem respostas neste período? O futuro já é suficientemente obscuro e longe por si só, imagina o momento presente. Receber um abraço intenso de um desconhecido e se deixar levar pelas incertezas, acredito que seria a única solução para estar melhor. - “Você realmente faria isso por mim?”, me escreve. - “Não o faria, o faço!” Não sei para aonde ir e nem o que fazer, porém, o importante é estarmos juntos.” escrevi rapidamente. - “Te amo, aqui não consigo ficar, não consigo mais estar longe de você.”

Feito! A estabilidade que me caracterizava durante anos, a minha trajetória de bom menino estava para ser destruída. Surpreendi-me de mim mesmo, da minha frieza nas respostas. A minha racionalidade, tanto admirada, finalmente, havia voado pelos ares. Para ser sincero, talvez fosse a primeira vez, na minha vida, que me sentia realmente vivo. Durante anos, eu fui o para-raios de toda a minha família, mostrando-me sempre forte e resolvendo todos os problemas.

Esse vírus, no final, parecia desvendar parte de mim que até aquele momento havia permanecido escondida.

Não sabia se o frio na barriga e o arrepio na pele era por transgredir a lei, ou por fugir da situação fantasma e injetar-me adrenalina nas veias. Talvez, fosse somente o amor por Melânia, que já não via há alguns dias. Mas, agora, já estava decidido: iríamos embora daquela desgraçada zona vermelha, à procura de um pouco de amor, um pouco de serenidade, deixando os fantasmas aqui, deixando o odor de um inimigo que não conhecíamos e que ameaçava a todos nós.

- “Eu sei que você quer ir embora, leio nos teus olhos”, disse-me, improvisadamente, minha mãe. - “Mas, o que você está dizendo, não se pode ir embora...”, lhe respondi com um falso sorriso. - “Vá pra longe daqui. Fuja! Assim o vírus não te atingirá, pelo menos você ... que tem uma vida pela frente. Eu e seu pai já fizemos nossa vida, mas você não. Pega Melânia e fuja daqui”, disse séria. Permaneci perplexo, imóvel, não sabia o que responder. Depois de tantos anos aquela armadura de frieza caiu por terra improvisadamente. Consegui somente abraçá-la e sussurrar no seu ouvido. - “Obrigado, mãe!”.

O dia passou silencioso, uma sucessão de refeições, enquanto a televisão, com seu fundo ensurdecido, semeava o pânico. As ligações dos parentes do Sul, no celular, de fora da zona vermelha, de vez em quando se repetiam durante as horas. Chegada a noite, preparei uma bolsa com roupas ao acaso. Quanto tempo ficarei fora? Do que eu precisarei? Ninguém poderia saber.

Combinei com Melânia de nos encontrarmos em uma viela próxima do local onde passaria com o carro para buscá-la. Assim que meus pais foram dormir corri para a porta de entrada onde havia um bilhete escrito: “Para Nicolò”. Peguei o bilhete e corri até o carro. Com os faróis apagados saí lentamente para não fazer barulho. Parecia uma daquelas noites onde a neve amortece o som; o carro fazia um grande barulho nas estradas desertas. Ao chegar no local do encontro desliguei o carro. Melânia, ainda, não havia chegado, assim, decidi abrir a carta, dentro encontrei dinheiro e uma breve mensagem:

“Querido Nicolò, sabíamos que você iria embora. Mesmo que o nosso amor desejasse que você não nos deixasse nunca, seria egoísmo querer que você permanecesse aqui conosco para nos proteger. Fuja, vá embora, não esqueça nunca que papai e eu te amamos. Não sabemos o que este vírus fará conosco, se sobreviveremos ou não, mas nos sentimos orgulhosos por ter um filho como você.

Um forte abraço! Fuja daqui e esteja a salvo. Com o maior amor do mundo. Mamãe e Papai”.

Permaneci imóvel, na minha casa não somos acostumados a nos dizer estas coisas. Não que minha família não fosse afetuosa ou que eu tivesse rancor, mas digamos que, raramente, nós nos dizíamos: “eu te amo”. Tínhamos que esperar, talvez esse vírus para nos descobrirmos realmente humanos.

Melânia entrou silenciosamente no carro, sentou-se e disse com voz insistente: - “Vai, vai, vai!!!”, depois me olhou e pulou no meu pescoço. Começou a chorar, e pela primeira vez, depois de tantos anos, eu também chorei. Não sei porque eu chorava, mas era como se tivesse desbloqueado um mecanismo adormecido durante muito tempo. Melânia surpresa, segura as lágrimas e me pergunta: - “Mas o que está acontecendo?” - “Nada, te amo e sentia sua falta”, respondi contendo os soluços. As correntes dos beijos e dos abraços proibidos haviam sido destruídas, e até mesmo os gestos comuns e banais pareciam extraordinários. Compreendi, em segundos, o valor do que estava acontecendo.

Apertei forte sua mão e liguei o carro, prontos para partirmos juntos, sem saber para aonde, longe de alguma coisa que, de qualquer forma, aonde quer que andássemos, teria nos alcançado, antes ou depois.

## DIA QUATRO

A dor de cabeça provocada pela farrá de ontem mal me permitia abrir os olhos naquela manhã. Mas quanto eu tinha bebido? Como voltei pra casa? Todas as noites me prometia não exagerar, mas terminava sempre da mesma forma. Um drink depois do outro até ficar mal, até me perder, até não lembrar mais como tinha chegado em casa.

Virei-me rapidamente na cama, quem sabe se pelo menos eu tinha paquerado algum garoto bonito. Não... novamente, nem mesmo a sombra de qualquer conquista. A retomada da consciência talvez piorou a dor de cabeça. Nervosa e falida decidi preparar um café com a esperança que ajudasse a distanciar os defuntos da esbórnia. Primeiro, passei no banheiro para escovar os dentes, infelizmente, o espelho me mostrou o reflexo da minha imagem. Perguntei-me como não fui candidata a melhor máscara do carnaval de Viareggio. Entre cabelos horrorosos, as olheiras e a maquiagem borrada, poderia ser um maravilhoso carro alegórico.

Tentar rir de mim mesma, era o único modo para poder superar o desespero dos anos que meu rosto carregava, deixando somente rugas profundas que nem mesmo a maquiagem conseguia esconder. No entanto, há vinte anos atrás eu não era assim, nem sequer me maquiava e a minha pele, lisa e compacta, brilhava sem nenhum problema. Quando se é jovem não se imagina que um dia aquele corpo do qual se orgulha deixará lugar a uma carroceria estragada pelo sol quente, e que muitas vezes, torna-se embaraçante e motivo de vergonha.

Tudo bem, a solução era encontrar o amor “antes que fosse tarde demais”, dizia para mim mesma. Mas quanto tempo meu corpo, que já havia enfrentado quarenta primaveras, ainda resistiria às intempéries?

Basta com aqueles pensamentos de início de manhã, pensei. Olhei o relógio, eram já 11h30min. Preparei o café com muita precisão pois esperava que poderia ser a minha âncora de salvação para a enxaqueca. O alegre barulho da cafeteira, que geralmente, eu tanto gosto, parecia explodir meus tímpanos. Liguei a televisão, e segurando a taça de café quente entre as mãos, soprava e provava, timidamente, a bebida. Eu deveria imaginar que, também, hoje, os programas de televisão e os telejornais não teriam mudado o argumento preferido do dia: coronavírus. Hoje

inventaram que a proibição de sair de casa seria estendido também além da ex-zona vermelha: toda a Itália havia se tornado zona vermelha. Mas, esta doença era realmente tão grave? Ou tinha alguma coisa submersa, como sempre, para enriquecer alguém? Olhei as homepages das minhas mídias sociais, meus amigos comentavam furiosamente as novas medidas propostas.

Come era possível parar uma nação inteira, a economia, as indústrias?

Mas, talvez poderíamos morrer, seria melhor ficar em casa.

Giorgia mandou uma mensagem no grupo das amigas: “Francesca você ainda está viva? Respondi: “Estou viva sim, mas com uma dor de cabeça”. “Não, esta noite repetiremos! Tem uma festa no centro que não podemos faltar, quem sabe encontramos o amor da nossa vida. As 19 horas passo te buscar, se recomponha”. Pelo que parecia ela não compartilhava as decisões do governo em relação à pandemia, mas mesmo assim eu tentei fazer com que ela tomasse consciência enviando uma mensagem no grupo: “Mas, e o Coronavírus?”. “Ah, convidamos ele também, se ele quiser, rrsrrs!!”. Essa foi a sua resposta.

Menos mal que ela tendia sempre a deixar qualquer situação mais leve. Terminado o café, decidi voltar para cama, afinal uma longa noite me aguardava, com a esperança de ter mais sorte desta vez.

Reabri os olhos às 18 horas. “Oh não, já é tarde!” pensei, mas a dor de cabeça tinha deixado lugar para um leve cansaço e muita fome. Levantei, fui até a cozinha e preparei um sanduiche quente; a televisão me fazia companhia, mesmo que não falasse nada além do vírus, que fazia mais vítimas a cada dia. Talvez, fosse o caso de adiar a noitada.

Enquanto pensava se ia ou não, me preparei. Tomei um banho quente, sequei os cabelos e depois iniciei meu grande ritual de maquiagem. Na realidade, odiava me examinar demais no espelho, por medo de me dar conta de alguma ruga a mais, mas antes de sair apertava os dentes e dava uma última olhada.

Logo iniciei minha obra de restauração, procurando esconder com maestria as rugas. Tornava-se cada dia mais difícil. Quem sabe, qual seria o dia no qual eu encontraria o amor que me faria feliz. Desde pequena escutava as fábulas com o príncipe azul, acreditava que o amor fosse simples e possível para todos.

Aos poucos, comecei a descobrir, que na realidade, o amor não está assim em promoção. Durante toda a minha vida eu tive oportunidades, mas nunca me

contentei. Pretendia sempre o amor ideal, não aquele faz de conta de pessoas que acabam por se odiar e se tornam dois estranhos compartilhando o mesmo teto, como meus pais. Talvez, eu estivesse errada, deveria me contentar como todas as outras mulheres, e agora que minha pele já estava marcada pelo tempo, tornava-se mais difícil encontrar um homem que me olhasse como um garoto apaixonado, alguém que ainda acreditasse no amor. Na minha idade, ama-se por conveniência, para não ficar solitário, para não demonizar a solidão na velhice.

Cada vez que pensava me sentia triste. E, se esse vírus nos fizesse lembrar quais são os verdadeiros valores, a importância de encontrar a metade perfeita para viver feliz, como dizia Platão. Quem sabe, como poderia ser o amor em tempos de Coronavírus?

Passei um batom, para dar um pouco de cor à minha face que estava apagada, e estava pronta.

“Estou aqui embaixo, desça”, dizia a mensagem da minha amiga no celular. “Chego agora”. “Sim, como não, te conheço”. Aproveitando do atraso padronizado fui escolher o que vestir. Com atenção, escolhi uma roupa discreta, mas que ainda assim, comunicasse o desejo de me apaixonar. Uma saia preta logo acima dos joelhos e uma bela camiseta de seda com um blazer estariam perfeitos.

Eram 19h30min, corri para o carro. “Francesca, não acha que você exagerou no atraso?” disse minha amiga com sarcasmo e ironia. “Ah, Vittoria, por favor não seja assim. De qualquer forma, não seria o caso de ficarmos em casa esta noite? Sabe ... os conselhos para evitar a difusão do vírus”. Vittoria permanece em silêncio por alguns segundos, pensei que aprovasse, até que estreou: “Francesca, mas realmente, você acredita realmente? É somente a notícia do momento”.

Se tivesse o amor da minha vida teria permanecido em casa abraçada a ele, pronta para ser protegida de qualquer coisa. Mas, o que eu teria a perder? Nada!

Chegamos ao local, estava cheio de gente, como se nada fosse. “Fiz bem em vir”, pensei. A noite transcorria como de costume, entre um cálice e outro de vinho, uma selfie, um cocktail e algumas olhadas no nosso entorno em busca do príncipe azul. Como desejava encontrá-lo!

Tudo fluía como de costume até que um homem, por volta dos sessenta anos, ao meu lado levou as mãos ao peito lamentando dificuldade respiratória. Chamamos logo a ambulância que chegou rapidamente. Em seguida, chegou uma viatura

policial que nos fez várias perguntas. Até aquele momento nunca tinha ouvido falar sobre o teste para coronavírus, mas intuí imediatamente. Havia o risco de que o senhor pudesse ter contraído o vírus e logo poderia ter infectado todos os que estavam naquele local. Foi o único momento em que o medo de morrer superou tudo. E se tivesse sido infectada, eu morreria?

Me arrependi de ter deixado que o desejo de amor me fizesse estar ali naquela noite.



## DIA CINCO

O relógio da igreja marcava sete horas da manhã e já estávamos na fila do supermercado, prontos, com carrinhos estrondosos, um pouco assustados, um pouco furiosos. Era estranho, que, em um momento no qual deveríamos nos amparar uns aos outros, estávamos, no entanto, todos em fila prontos para roubar qualquer coisa, alimentos ou não, como em guerra. Na fila, alguns resmungavam e se perguntavam porque a porta de ingresso ainda não havia sido aberta.

Finalmente, uma senhora apareceu na porta: “um de cada vez, não se empurrem, dentro do supermercado podem estar somente vinte pessoas no máximo”. Contamos rapidamente, eu era a vigésima: “que sorte!” pensei.

Lentamente, entramos todos. As pessoas, enlouquecidas, enchiam os carrinhos com itens de todos os tipos. Procurei lembrar do que faltava: o que agrada Andrea? Do que gosta Filippo? Procurei pensar em toda a família, um de cada vez, procurando ser cauteloso. Nos corredores vizinhos, as pessoas brigavam pra ver quem pegaria o último pacote de espaguete. Afastei-me rapidamente. Esta situação me deixava desconfortável. Em um certo momento lembrei que deveria pegar desinfetante e luvas. Fui rapidamente em direção ao corredor, mas nada, estava tudo vazio. Como faríamos para deter o vírus sem luvas?

Em um carrinho vizinho ao meu, abandonado no corredor, reluziam quatro embalagens de desinfetante. De repente, veio-me a dúvida: se seria correto pegar um, somente um. Não era correto que eu e a minha família não pudéssemos ter nenhum e aquela senhora tivesse pego quatro. Pensei que talvez ela nem teria se dado conta. Me aproximei discretamente em direção ao carrinho. A proprietária apareceu improvisadamente e prevendo minha intenção, lançou-me um olhar intimidante. Eu me senti profundamente humilhada, no que estava me transformando? Fala sério!

Talvez a pandemia estivesse realmente nos transformando. E, o mal era que nos transformava em seres piores, em animais predatórios, estávamos retornando àquilo que éramos antes da civilização. Nos transformando em homens das cavernas.

Me envergonhei profundamente! Caminhei, rapidamente, em direção ao caixa, não tinha mais coragem de continuar as compras.

Na saída do supermercado, a situação tinha piorado, uma fila enorme se alternava mantendo a distância de um metro. Uma longa procissão de gente confusa, de gente faminta de afeto, de alimentos, de esperança. Tudo estava mais sombrio, até o tempo parecia piorar. O que parecia uma brincadeira no Facebook, uma doença banal que não atingiria ninguém, havia nos atingido e estava nos destruindo rapidamente.

Comecei a refletir sobre tudo e meus pensamentos voaram até meus familiares. O que aconteceria se algum deles fosse levado pelo vírus, como eu reagiria? E, se eu fosse contagiada, quem pensaria neles? Lágrimas de desespero marcavam meu rosto enquanto me dirigia para casa cheia de dores e com as compras do supermercado.

Abri a porta, meu marido estava no sofá assistindo TV, enquanto o meu filho jogava playstation no quarto. "Andrea, Filippo venham aqui", gritei da cozinha. Ambos, assustados, vieram rapidamente. Abracei-os, surpreendendo-os e chorando.

"Vai dar tudo certo", sussurrei em seus ouvidos. "Claro que sim", respondeu meu marido. "Eu comprei tudo o que vocês gostam, me perdoem, não consegui pegar máscaras e desinfetante", disse soluçando.

"Mãe, não se preocupe, agora já chega, você está nos esmagando." Com um sorriso eu me separei. Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, só sabia que o vírus estava realmente nos transformando. Meu marido deu-me um beijo e entrou na sala de estar. Nessa condição, eu nem sabia o que ele pensava. Estava cada vez mais silencioso. Depois de tentar dispersar todos os meus pensamentos, comecei a preparar o almoço. O fogão dava-me tranquilidade, relaxei por um momento suando com os vapores das panelas. Enquanto eu misturava o purê, Filippo chegou sorrindo e me abraçou. Talvez, houvesse uma esperança de que esse vírus nos aproximasse um pouco, talvez nem tudo estivesse perdido. Filippo ligou a TV, o que me estressou novamente, dispersando, mais uma vez, a minha mente.

Até o jantar, voltei ao limbo de pensamentos. A casa tornou-se um ninho e uma prisão. Finalmente, estava escuro e todos fomos para a cama. Andrea deslizou nos lençóis e virou-se para o outro lado.

"Andrea me diga o que você pensa", eu disse sussurrando. "Eu não quero te preocupar, já te vejo apavorada", me respondeu. "Diga-me, juntos será mais fácil" o incitei. "Me pergunto o porquê de tudo isso, se existe um Deus, como Ele pode

permitir tudo isso? Todos aqueles números que aparecem na TV, que as pessoas veem apaixonadas ... são mortos, reais, não são somente números...são famílias! Assim como as maiores doenças, até atingirem você, parecem entidades abstratas, todos sentimos vontade de argumentar. Mas, quando tudo isso nos toca, não seremos tolos no Facebook, não iremos aplaudir e dizer que engordamos durante a quarentena. Mais cedo ou mais tarde atingirá a todos, nos alcançará. Deus não iria querer isso!"

Ouvi atônita as palavras do meu marido que havia permanecido em silêncio não sei por quantos dias. Como culpá-lo? Ele estava certo! Talvez, Deus realmente não existisse! Estávamos todos à mercê do caos, nas mãos de um jogo perverso de alguém que não sabíamos quem era. Fiquei parada, não consegui responder. Eu esperava adormecer o mais rápido possível.

## DIA SEIS

O mundo tem uma superfície de 510 milhões de quilômetros quadrados e uma população de cerca de 7,5 bilhões de pessoas. Meu mundo, já há muito tempo, tornou-se 95 metros quadrados, com uma população de 5 pessoas: eu, minha esposa Veronica e meus três filhos: Luca, Marco e Aurora.

Desde que o primeiro ministro apareceu na TV, tentamos seguir, rigorosamente, as regras determinadas. Eu comecei a trabalhar para a minha empresa no modo *smartworking*. O escritório de trabalho da minha esposa sempre foi aqui, sendo ela dona de casa. Embora a superfície do meu novo mundo não fosse ruim, manter três filhos pequenos em casa, enquanto trabalhava, era realmente difícil. As sessões de videoconferência eram, frequentemente, interrompidas por gargalhadas e brincuedos que voavam de um lado para o outro.

Na idade mais vivaz, meus filhos viravam a casa de cabeça para baixo, descarregavam toda a sua energia em alguns metros quadrados, enquanto a calma soava nas ruas da cidade. Mas, no final a situação era tolerável e para mim não pesava, começamos a curtir a família... pelo menos eu! Talvez minha esposa estivesse ficando um pouco mais exausta, mas no final das contas, também escapavam dela alguns sorrisos ao encontrarmos brincuedos em todos os lugares da casa. O importante era que estávamos bem, que nenhum de nós estava doente. Ao final, a nós haviam pedido pouco, ficar em casa para combater uma doença terrível.

Os verdadeiros heróis estavam na frente da batalha, muitos dos meus amigos médicos haviam ficado doentes e, infelizmente, alguns haviam morrido. Nós tivemos sorte!

Tirei meus fones de ouvido, terminei de trabalhar e fui para a cozinha. Vi Veronica e meus três pestinhas em ação: hoje era dia de fazer pão. Os três molequinhos estavam com as mãos na massa enquanto minha esposa sorria, talvez um pouco menos cuidada, mas mais linda do que nunca, como a primeira vez que a conheci. Eu decidi pôr as mãos na massa também!

Lá fora o mundo tinha alongado as distâncias, mas, aqui dentro das paredes de casa, as distâncias haviam sido reduzidas. O Coronavírus havia dado uma

chance às famílias para conhecerem-se mais profundamente, para divertirem-se juntas.

Ok! Certamente, aqueles que não tiveram a sorte de receber um salário não se divertiam, mas tiveram a chance de conhecer as pessoas que estavam sob o mesmo teto, talvez, desconhecidas até então, talvez desconhecidas até para si mesmas. O mundo girava apressadamente e, alguns mais, outros menos, todos haviam perdido momentos importantes de sua vida familiar: aniversários, ensaios, performances escolares, em várias ocasiões, mas agora não mais!

Abrindo o Facebook vi que muitos tinham sido capazes de enxergar o lado positivo do Covid-19.

Mesmo porque, se não agissem dessa maneira, o risco maior era o de perder a razão. Eu não sabia quando tudo acabaria e o que restaria depois, eu só esperava que tudo fosse mais apreciado, sem que essa possibilidade fosse desperdiçada.

Eu esperava que não fosse mais um ano novo feito de promessas nunca mantidas durante o ano seguinte. Eu esperava que a tomada de consciência do que era realmente importante permanecesse, não deixando nada para trás. Mas, infelizmente, percebemos que temos um dedinho do pé quando o batemos com força contra os móveis, nem antes, nem depois.

Eu havia jurado, seriamente, que quando tudo terminasse, e se eu e minha família tivéssemos ficado bem, eu pararia de fumar e levaria todos para uma viagem de férias. Com fé seguia esse caminho, e naquele momento foi tudo tão bom.

Todos nós sentíamos falta dos avós. Foi um desafio explicar a eles como baixar o Skype e como nos ver todos os dias, mas conseguimos.

Enquanto isso, eu me tornei melhor amigo dos meus filhos e melhor amante da minha esposa. Não que tudo estivesse perfeito, mas consegui equilibrar essa realidade desajustada. Para vivermos melhor, também decidimos não assistir mais às notícias, que divulgavam os números que aumentavam a cada dia, e assim conseguimos nos sentir melhor.

Eu pensava que seria difícil voltar ao normal, quando nos víamos pouco, conversávamos pouco e falávamos muito pouco: "Eu te amo!".

Às 17h, tínhamos um compromisso no Skype com toda a família. Ao terminar a refeição, nos preparamos, como se estivéssemos indo a uma grande festa. Depois do banho, vestimos roupas elegantes e sentamos no sofá. Pronto, lentamente,

apareciam, na tela, os rostos sorridentes de toda a família: tio Carlo, tia Giusi, primos Marco e Vittorio, avós Serena e Massimo. Mas, ainda faltavam os meus pais, que, certamente, haviam esquecido como funcionava o aplicativo. A grande reunião de família começou: começamos a rir, cantar e brincar. Depois de uma hora de festa, nos despedimos. E outro dia parecia estar chegando ao fim, estranho sim, mas normal na sua estranheza serena. Agradei a Deus por isso e coloquei as crianças na cama.

Tentei ligar para meus pais que, descuidadamente, não haviam respondido à reunião de família, no Skype. Nada, eles não respondiam. Tentei, novamente. Comecei a me preocupar.

"Não se preocupe Giorgio, você sabe como eles são", minha esposa me tranquilizou. Mas não pude ficar tranquilo. Decidi pegar o carro e ir até eles, apesar da proibição. As ruas estavam desertas e o frio habitava nelas. Quando cheguei à porta da frente, toquei. Ninguém respondeu. A ansiedade tomou conta, mas o telefone tocou, um número desconhecido.

"Olá, Sr. Giorgio Venturelli?" "Sim, sou eu", respondi. "Seus pais estão hospitalizados, no departamento de doenças infecciosas do Papa Giovanni de Bergamo. Fique tranquilo, eles estão se sentindo bem por enquanto, estão somente com um pouco de falta de ar e preferimos hospitalizá-los". "Eu já vou", falei. "Não, não é possível, fique em casa para evitar riscos infecciosos, não temos o teste, mas eles podem ter contraído o Coronavírus". Naquele momento, o mundo inteiro desabou sobre mim!

## DIA SETE

Chegou a ligação: "Você ou Michele, prontos, em 40 minutos! Não! Eu quero interferir na escolha, me ligue dentro de 2 minutos ". Eu desliguei o telefone. A Marinha me pediu para ir ao maior epicentro da pandemia italiana. Talvez, fosse melhor permanecer na Academia e que fosse Michele.

Quem me obrigaria? Meus pais eram idosos e se, depois, retornando eu os infectasse? Mil pensamentos invadiram minha mente, entretanto, eu era médico e minha missão era salvar vidas; uma pessoa não podia ser militar apenas no vigésimo terceiro dia de cada mês. Essa era a nossa batalha, era a hora de apoiar o país.

"Eu vou", falei firmemente à Michele. "Mas se você quiser, eu posso ir", "Não, não. Eu vou, assim você tem mais tempo para gerenciar tudo, organizar onde deixar o carro. E, afinal, mais cedo ou mais tarde todos deverão partir". Michele assentiu e aceitou. Eu comecei a arrumar as malas.

Me senti invadido por uma sensação de náusea, misturada com adrenalina e com o desejo de fazer algo útil. Parecia o sentimento que assolava antes de um mergulho. O que eu veria lá no hospital? A única coisa positiva era que eu finalmente teria certeza do que realmente estava acontecendo. A televisão estava nos assediando com notícias e imagens de todos os tipos, mas não estava claro qual era a real situação, se não, as pessoas não teriam rido disso e nem aparecido nas varandas para aplaudir.

Eu preparei tudo, estava pronto! Coloquei o uniforme novo recebido no dia anterior. "Comandante, estou indo, Michele me acompanhará até o aeroporto", eu disse com um pouco de medo, ao telefone.

Atravessei, rapidamente, a avenida dos pinheiros, com o peito estufado, orgulhoso. Mas com medo no coração. Na guarita pararam-me: "Aonde você está indo vestido assim?", "O que há de errado?" , "Não tem estrelinhas no casaco". Eu estava na Marinha há poucos meses e ainda não tinha conseguido aprender as numerosas regras da Academia. "Estou com pressa, devo chegar ao aeroporto militar LUNI no menor tempo possível, há uma emergência de saúde em andamento. Me perdoe, as colocarei assim que entrar no carro." O guarda estava apavorado. Eu fui rápido sem me virar. Michele e eu não tivemos coragem de conversar no carro.

Eu não sabia o que ele estava pensando, e para dizer a verdade, não sabia o que pensar. Eram emoções novas e estranhas. Logo estávamos em LUNI. Saí do carro rapidamente e o cumprimentei com um abraço, mesmo que fosse proibido.

Passamos quatro meses juntos naquela Academia, prontos para nos transformar de médicos em militares, tínhamos compartilhado tudo. Nós éramos quase irmãos. Não sei quando o veria novamente e corri o risco de um abraço a mais. "Vejo você em breve, irmão, e tome cuidado para não se machucar." Michele sorriu segurando as lágrimas. Era como partir para uma guerra, a guerra da saúde. Eu rapidamente virei as costas para não me deixar levar pela emoção.

A base militar úmida e silenciosa não mostrava militares. Eu bati em frente ao prédio e um homem barbudo saiu. "Rápido, eles estão esperando por você." Entrei na sala, silencioso, com duas malas. O comandante da base estava me esperando seriamente com mensagens em suas mãos. "Venha, vamos esperar seus companheiros de viagem e estamos prontos para partir. Você já embarcou em um helicóptero?". "Sim", respondi timidamente, "quando fiz o curso de medicina de combate há um mês". "Bem", ele respondeu. "O Senhor poderia dar-me algumas estrelas para o meu uniforme?" Pedi a ele. "Parece difícil a essa hora do domingo, mas por que você não as tem?". "Recebi o uniforme ontem, não tive tempo de organizá-lo." "Eu entendo", ele disse.

Não sei se tinha mais medo por não ter as estrelas ou porque estava prestes a pular no vazio, não sabia quanto tempo ficaria longe e nem o que eu veria.

Os companheiros de viagem logo chegaram. Todos eram oficiais com uma patente muito mais alta do que a minha. Na Academia, os comandantes cumprimentam orgulhosamente com a mão na testa, mas nessa situação ninguém me pediu. Por trás do uniforme, uma incerteza humana brilhava em seus olhos. Fui deixado sozinho, todo mundo parecia se conhecer e trocavam algumas palavras. Eu me senti deslocado.

Felizmente, uma enfermeira saiu do grupo e veio em minha direção: "Vá tranquilo doutor!". Eu me senti mais tranquilo. Disfarçadamente, o policial que eu havia encontrado, anteriormente, colocou algumas estrelinhas no meu bolso para organizar meu uniforme e me desejou sorte. Eu agradei a ele e me senti melhor. Rapidamente entramos no helicóptero, sem falar nada. Felizmente, o barulho do



rotor da aeronave destruiu o silêncio ensurdecedor entre nós. O que estava me esperando? O que eu veria? Eu poderia fazer a diferença?

O helicóptero viajava estrondosamente sobre a cidade assustada. Aterrissamos por volta das vinte horas em um aeroporto isolado. Em uma van do exército um soldado esperava por nós. Assim que entramos, sentamos todos enquanto o soldado começou a falar atrás de uma máscara: "Então, pessoal, a situação é crítica. Digo-lhes logo como estão as coisas e o que os espera no hospital. Aqui as pessoas realmente morrem. Elas morrem enquanto lhes apertamos a mão. Estamos todos fazendo turnos cansativos, mas devemos dar o nosso melhor. Aqui não se desiste enquanto se está em pé."

Como tudo isso é possível? Até alguns dias atrás, no meu quarto na Academia, tudo parecia tão banal. Era apenas uma influência trivial. Como a situação pôde ficar tão séria? Tudo o que eu havia estudado, algumas semanas antes, no curso de Medicina de Combate, talvez, infelizmente, serviria. "Com a ajuda dos policiais abrimos um hotel e vocês dormirão lá e irão ao hospital todos os dias. Estamos no epicentro da epidemia italiana".

Ninguém fez perguntas.

Chegamos tarde ao hotel, nos sentamos ao redor de uma mesa. Parecia um daqueles filmes em que você podia ver todo os representantes das forças armadas com máscaras. Tudo parecia tão surreal!

O coronel tomou a palavra: "Seus currículos foram analisados e, com base neles, vocês foram designados para os departamentos onde trabalharão até o final da necessidade. O fim da missão é desconhecido. "Depois de vários nomes, ele procurou o meu e disse: "Doenças Infecciosas - Departamento Covid-19 positivo".

No meu coração, esperava poder dar minha contribuição em departamentos "normais", não afetados pelo Coronavírus. Eu tremi atrás da máscara. Após a reunião, fomos para os nossos quartos, em silêncio.

Ao celular, minha mãe me telefonava. Ela nunca compreendeu que eu tivesse me alistado depois de ter conquistado um diploma no mundo civil, e certamente, dizer a ela que eu havia saído, no meio da noite, para chegar ao centro da pandemia não a tranquilizaria. Então, tomei a decisão. Eu não diria nada a ela, não diria onde eu trabalharia, onde eu estava, para não causar sofrimento aos meus pais ou deixá-los ansiosos.

Só revelaria tudo quando tudo acabasse. Isso pesou em mim, ter que mentir para ela, mas era a única maneira de protegê-los do medo que já havia arranhado meu uniforme.

Eu atendi o telefone. "Olá, como vai? Onde você está?" Disse minha mãe. "Eu estou bem, mãe, estou na Academia, como sempre, estou entediado". "Mas eles não estão enviando você para combater a epidemia?" Me perguntou, de repente. Respirei fundo e disse: "Não, mãe, fique tranquila!"

## DIA OITO

O frio da manhã congelou minhas pálpebras. A cidade fugia deserta enquanto eu andava de bicicleta para o hospital. Com os olhos sonolentos, outro longo dia estava prestes a começar. Quem diria que eu começaria o ano como especialista em meio a uma pandemia global.

O caminho para o hospital estava frio e vazio. Estacionei minha bicicleta no lugar de sempre e entrei no hospital. O café no bar havia sido substituído pela máquina de café, com luvas. Peguei meu uniforme e fui para a torre 6, no andar 3: Covid-19, doenças infecciosas. Eu conseguia ler nos olhos das pessoas o mesmo olhar de terror e nojo, como se eu pudesse ser um difusor da doença, eles não haviam entendido que ninguém estava seguro, de qualquer forma todos nós usávamos os nossos dispositivos de proteção.

Quando entrava na enfermaria, sempre andava na linha vermelha. Uma fita adesiva no chão, que dividia a área "suja", onde estavam os pacientes Covid-19 positivos, da área "branca", onde não era necessário andar com toda a armadura de proteção.

Os enfermeiros já estavam trabalhando. Apesar dos longos dias, todos mantinham a calma e os sorrisos. "Bom dia, Mario, vamos começar", disse ao meu colega que acabara de chegar. "Claro, Elisa", ele respondeu.

Um médico vestiu a roupa apropriada e foi para a zona vermelha; dali, ele ditou as informações clínicas para o colega, no computador, na zona branca. Hoje foi a minha vez de ir para a zona vermelha. Coloquei calças, fones, óculos, máscara, duplo par de luvas, sapatos e estava pronta.

Oh, Deus!... pronta... digamos, que fazer um exame clínico nessas condições era um pouco difícil, mas tentávamos. Da zona vermelha, meus astronautas me cumprimentaram. Eu gostava de chamá-los assim, os meus pequenos pacientes que tinham a cabeça em bolhas de plástico para respirar melhor. Entrava com um sorriso, porque acreditava que o melhor remédio para eles era esse. As pessoas tinham medo de tocá-los, reanimá-los, mas eu não. Ser médico também é isso!

"Como está, senhor Bollini?" Gritei para o meu primeiro astronauta. "Estou bem, estou bem...". O senhor Bollini era o meu favorito, pois, embora estivesse mal e tivesse pouco oxigênio no sangue, não desistia, dizia que estava sempre bem, era

um guerreiro. "Na verdade, eu não entendo porque você não me diz que estou bem", continuava. "Sr. Bollini, você deve ser paciente, lentamente se curará, não imediatamente". O senhor Bollini assentia, tristemente.

Os dias passavam assim, tristes e rápidos, enquanto eu me derretia de tanto suar.

Infelizmente, frequentemente, quando eu fazia o turno da manhã muitos dos pacientes deixados no dia anterior não estavam mais. Inicialmente, eu começava perguntando o desmantelamento da noite: "Mas o Sr. ... ainda está aqui?" e esperava a resposta. Agora, para dar sorte, eu não o faço mais.

Eu completava a rodada de pacientes, esperando que todos estivessem em seus leitos, esperando que os leitos fossem liberados apenas porque o paciente que o ocupava tivesse sido curado e retornado para casa.

Entro em outro quarto, encontro a Sra. Rosella, que também se tornou uma astronauta, em seu CAPACETE DE VENTILAÇÃO, e quando você se torna astronauta, raramente pode voltar à Terra. "Senhora Rosella", eu disse sorrindo, mal segurando as lágrimas. "Como estamos?". A senhora Rosella estava cochilando. "Como está Rosella?" Ela saltou em seu capacete: "Bem, estou com sono", disse ela, sussurrando. "Rosella, você se lembra onde estamos?". "No cabeleireiro", me disse. Meu coração explodiu no meu peito.

Não poderia ser outra a ir embora, Rosella tinha que estar comigo, e basta. Entrei na área do filtro por um momento. Felizmente, a máscara, firmemente fixada no rosto, bloqueou as lágrimas. Eu respirei fundo!

Eu não aguentava mais fazer contato com os parentes. Eu não aguentava mais. Mas não era hora de desmoronar.

"Elisa? Elisa, vá para o quarto 6327, ouço choros. Caso contrário, eu vou."  
"Eu estou indo agora."

Não havia nem tempo para uma lágrima, corri para o quarto. A senhora Maria, no capacete de astronauta estava chorando enquanto a senhora Federica estava em pé, com os olhos no chão. "O que aconteceu?" Falei firme e com raiva. A Sra. Federica disse ameaçadoramente: "Maria quer que eu empreste o telefone para ela, assim ela me infecta. E sequer pediu por favor!" Irritada como uma hiena, desta vez eu não podia estar sorrindo: "Você está falando sério? Você também é positivo, aqui são todos positivos. Estou aqui e cuido de você, mesmo que seja positivo, e você

não pode emprestar o telefone à Maria que está quase sem voz? Você quer tirar a oportunidade dela de falar com o marido?". Federica, com lágrimas nos olhos me alcançou o telefone enquanto Maria não conseguia secar as lágrimas, mas ela sorriu. "Obrigada, Federica, e desculpe, mas vamos todos melhorar." O assistente se apressou e pedi-lhe, educadamente, para acompanhar Maria com o telefonema.

Como era possível ser egoísta aqui, onde o cheiro da morte era tão forte, sabendo que estávamos todos no mesmo barco?

A manhã no trabalho finalmente tinha terminado. Tirei a roupa, me lavei, me vesti e fui até o refeitório. Tinha se tornado um procedimento tão cansativo que, às vezes, moralmente, me obrigava a não comer ali, mas somente quando chegava em casa. Faltava apetite, mas eu sabia que tinha que comer à força, caso contrário, quem teria conseguido trabalhar embaixo daquelas roupas? Nas mesas, sentávamos apenas dois de cada vez, a uma distância de um metro. Comi, rapidamente, para voltar ao departamento.

A enfermeira-chefe tímida me trouxe formulários para o registro de morte e me entregou dizendo: "Estes são de Rosella".

Fria, imune à dor, sentei-me, preenchi os formulários. Na verdade, não, eu errei e os preenchi novamente.

Tudo era apenas um pesadelo! Pedi aos colegas que, por favor, ligassem para a família de Rosella para avisá-los. Eu sei, era eu que deveria fazer isso, mas desta vez eu não conseguiria. Foi outro número que subiu no ranking dos mortos, o mesmo que as pessoas seguiram, friamente na TV. Para mim foi Rosella. Uma mãe, uma avó. Terminei de trabalhar e já era noite.

Fui para casa... exausta!

Com o desejo apenas de dormir.

## DIA NOVE

Não lembro de como cheguei! Só sei que estava com um pouco de febre e tosse, e uma noite não consegui mais respirar. De repente, eu me encontrei aqui, dentro desta bolha de plástico. Os médicos me disseram que se chama C-PAP (capacete de ventilação) e isso me ajuda a respirar. Não sei o quanto me ajuda, sinto um aperto no pescoço e o barulho aqui é enlouquecedor.

Quando os médicos entram, peço que gritem, porque não os ouço. Não tenho forças para sair da cama e todo movimento é muito cansativo.

A TV desligada me olha escura e silenciosa. Ao meu lado, talvez haja outro leito, um lençol branco nos divide. Pronto, também hoje chegam os marcianos, entram pessoas com verdadeiras armaduras.

"Bom dia, belíssima!" Felizmente é esse médico que brinca sempre. De vez em quando, ele me dá alguns minutos a mais, aperta minha mão e, mesmo que ele precise gritar para se fazer ouvir, me dá sua atenção. "Senhora Rosa, como está hoje?" Me pergunta. Em voz baixa, respondo: "Vai indo, você falou com meu marido, meus filhos, eu não falei com ninguém". "Sim senhora, todas as noites eu ligo para seu filho e o mantenho atualizado." Eu aceno positivamente. "Mantenhamos a positividade que assim que sairmos daqui vamos comer um bom cannolo com ricota, prometo", ele grita perto da bolha de plástico. Eu sorrio, quem sabe quando poderei ir para casa. Sinto falta da minha família, sinto falta da minha casa. Sinto falta de tudo, mas tenho vergonha.

"Me empresta um braço para uma amostra de sangue, eu juro que o devolvarei depois", diz o médico, brincando. Eu estendo meu braço, vai doer, mas paciência. Eu adoraria ver minha família, mesmo envergonhada, pergunto: "Eu posso ver minha família?". O médico para, aperta minha mão. "Senhora, sabe que não pode." Também hoje eu sinto que estou morrendo por dentro. "Mas podemos fazer uma coisa." Rapidamente ele desaparece! Quem sabe para onde foi!?

Eu desejo que tudo isso termine em breve. Eles haviam conversado sobre esse Coronavírus, mas eu pensei que isso nunca aconteceria comigo. Era somente uma gripe trivial e, em vez disso, eu estou aqui.

Não é a doença que me faz sentir mal, mas estar sozinha, sem ter a oportunidade de ver e ouvir meus filhos, não sei de nada. Nem sei se vou sair daqui

viva. Olho o céu por trás da janela, ele não mudou, permanece o mesmo, celestial, não se importa comigo, não se importa com ninguém aqui. O barulho ensurdecedor não me deixa dormir, não consigo nem mesmo me lavar e sinto muito pelos médicos, pelos profissionais de saúde, que são forçados a ficar em contato comigo.

Adormeço, acordo, aquele médico simpático ainda está aqui, mas desta vez ele está segurando uma sacola plástica com imagens dentro. "Senhora Rosa, olha quem está cumprimentando você." Arregalo os olhos e miro para o saco plástico. "Giorgio ..." eu digo com um sussurro. Meu filho. A tristeza se mistura com alegria, nostalgia, desejo de voltar para casa. Eu levanto minha mão para cumprimentá-lo. Mal consigo ouvir o que diz. "Giorgio, eu mimo a senhora Rosa pra você, esperamos que em breve ela possa voltar para casa. Ela me prometeu que me faria provar a sua lasanha. Rosa, diga: olá." Ao lado de Giorgio, pareceu-me que também estavam meus três netos. Eu seguro minhas lágrimas e com toda a força que tenho por dentro, digo: "Amo todos vocês!". O médico marciano coloca o telefone na cama dentro da sacola plástica e pega minha mão. "Está feliz, Rosa? Promete que vai comer alguma coisa?". Estou tão emocionada. "Obrigada, sim", digo a ele. "Rosa você tem que ser forte, pouco a pouco precisa se esforçar, eu te vejo mais tarde".

Que anjo, ele é a única família que tenho agora. A primeira vez que eu o vi, ele chorava soluçando quando entrou, agora ele se tornou forte e me faz sentir bem. Poderia ser meu filho. Ele ficou aqui para arriscar sua pele, e ele arrisca somente em conversar comigo. Volto a dormir!

Acordo, são outros marcianos que me ajudam a comer, abrem a bolha. Ah, finalmente acabei com esse barulho maldito. Comi, mesmo que eu realmente não quisesse, mas prometi ao médico. Adormeço novamente e, ao acordar, estou novamente nesta bolha amaldiçoada. Sinto que não aguento mais, nem sei há quantos dias estou aqui. Muitas vezes, sinto-me tentada a dizer ao médico para me deixar ir, mas depois penso em Giorgio, e em meu marido. E, eu tenho que vencer! Aqui não há dia ou noite na bolha, o tempo é marcado pelos horários dos médicos, do almoço e do jantar que me libertam dessa bolha. Eu só espero que eles encontrem uma cura. Agora, eu me sinto cada vez mais fraca. Chamo a campainha e adormeço. Abro os olhos, vejo muitos marcianos perto de mim enquanto o corredor corre rápido. Aperto a mão de um deles. "Vamos para a sala de

reanimação, não se preocupe Rosa." Eu nem sei o que é a sala de reanimação, estou com tanto sono.

Meus pensamentos vão rápido para minha família. Como eu gostaria de ter meu marido Franco ao meu lado. Brigávamos o dia todo, mas nos amávamos, ele me entendia, se estivesse aqui, tudo seria mais fácil. Marcianos seguram minha mão. Quão doce é receber um aperto de mão. Eles não têm medo da minha proximidade. Afinal, não é culpa minha se eu peguei esse vírus, na verdade nem sei dizer como o peguei. Minha mente vagueia sem lógica, salta de um lado para o outro.

"Vai dar tudo certo", alguém me diz em meio ao barulho ensurdecedor da bolha. "Agora você vai dormir um pouco, nos veremos para comer os cannoli depois." "Mas é o médico simpático", penso, estou em boas mãos. Posso adormecer!



## DIA DEZ

"Força, senhora, força", entre os gritos da senhora Marzia, saía a cabeça do pequeno Marco. "Oh, brava, isso!" Um grito de dor e de vida ressoou na sala. "E, também hoje conseguimos", eu disse, murmurando sob a máscara cirúrgica. Deixei o resto dos procedimentos de parto para meus colegas. Tirei o jaleco, me lavei e voltei para o escritório.

Ser ginecologista na época do Coronavírus tornou-se realmente pesado. Mas, enquanto o mundo continuava a morrer lá fora, nós tínhamos a oportunidade de ver as crianças virem à luz todos os dias. Contávamos o número de vidas, enquanto as contas da morte aumentavam.

"E, são apenas 6:53 da manhã", pensei em mim. Fui ao computador para preencher a pilha de trabalho que aumentava a cada dia.

Uma dor de cabeça insuportável tomou conta da minha cabeça. As crianças tinham que nascer mesmo na época do Coronavírus, não estavam em quarentena, já estavam na sua própria casa há nove meses, era certo que elas também fizessem um salto pela porta. Pedi, educadamente, à secretária que me trouxesse um cappuccino quente, pela garganta latejante, entre algumas tossidas. Estava assim, já há alguns dias, mas eu não conseguia parar, a equipe do departamento estava reduzida à metade e alguém tinha que fazer o trabalho.

"Doutor Finizio, mas por que você não vai para casa e descansa?" Disse minha secretária, trazendo-me o cappuccino. "Monica, você sabe que não é possível, e quem pensa nos outros? E, afinal, eu estou bem!" Monica, silenciosamente, deixou o escritório. Eu já estava assim há dias, mas a política do hospital era de que o pessoal de saúde deveria adotar todas as medidas de proteção e permanecer no local de trabalho até que não aguentasse mais. Tornara-se uma trincheira, um campo de guerra!

A moldura com a minha foto de família brilhava sobre a mesa. Frequentemente chegavam mensagens vindas de colegas amigos, mensagens de estima, eles diziam que eu estava fazendo algo especial. Mas, na realidade, eu não estava fazendo nada de especial, era meu trabalho, meu juramento. Afinal, ser médico é uma escolha, usar o jaleco com dignidade é uma missão. O jaleco branco não é apenas um uniforme, é uma túnica, um hábito sagrado. Não somos tão

diferentes daqueles que dão vida aos outros, em nome do Senhor, a diferença está apenas no que realmente fazemos. Ambos trabalhamos com um propósito, a Vida! Você não pode ser médico por prestígio, por razões puramente econômicas, eu sequer teria coragem de encarar meus pacientes, se assim fosse.

Uma estranha falta de ar me atacou lentamente, então decidi subir as escadas para pegar um fármaco que me faria sentir melhor. Eu odiava o elevador e decidi subir as escadas. Cada passo, no entanto, parecia uma montanha intransponível. Cheguei à porta da enfermaria sem fôlego.

Bati na porta, atendeu meu colega Francesco, coberto por máscara e traje de risco biológico, que me acolheu: "Doutor Finizio, o que é, quais os bons ventos? Mas, o senhor não está muito bem." "Sim, eu estou bem, vim vê-lo e perguntar se você poderia me dar alguma coisa."

Francesco fez uma cara feia e fez sinal para eu segui-lo.

A ala havia mudado, de repente, as pessoas com suas armaduras andavam de um lado para o outro, enquanto os corredores do hospital ficavam desertos de pacientes. Era estranho, geralmente aqueles corredores eram lotados por pessoas e doentes. Entrando no consultório, ele me pediu para esperar.

Ele veio logo depois com um cotonete. "Você não acha que eu tenho Coronavírus? Eu estou bem!" Disse, sorrindo. "Doutor Finizio, você sabe que seu departamento é o que mais corre risco, que metade da equipe está em casa. Não pode continuar assim, vamos fazer esse teste, o resultado chegará em algumas horas, agora nosso centro está ativado, fique aqui e espere tranquilamente".

Inicialmente, pensei que deveria recusar, que não poderia eu também me curvar para o vírus, mas, talvez, para a segurança de minha equipe, de meus pacientes, eu realmente deveria fazer o teste, de qualquer forma, seria negativo, e eu voltaria ao trabalho.

Francesco quase perfurou meu cérebro com aquele cotonete e depois foi embora. Fiquei no consultório dele, na maca, olhando para o teto, entre tosse e um pouco de falta de ar, pensando no que aconteceria se o teste fosse positivo.

Meu telefone de serviço tocou, mas dessa vez eu estava imóvel, apavorado com a situação, não consegui responder. Pela primeira vez eu não estava atendendo aos meus princípios éticos e morais ditados pela profissão médica.

Talvez, pela primeira vez na minha vida, comecei a ter medo. Mas não era medo de adoecer, de morrer, mas de parar de ajudar.

Enviei uma mensagem para minha secretária dizendo a ela que não voltaria antes da tarde e que para qualquer situação urgente ela me encontraria na ala superior. Eu cochilei na maca, nem sei há quanto tempo eu não fazia isso, parecia domingo, parecia uma festa.

Francesco me acordou, ele não tinha uma boa expressão no rosto, mas antes de falar eu já sabia o que ele tinha a dizer, então o antecipei: "Diga-me qual é o número do quarto". Surpreso, ele me disse: "Doutor Finizio, reservaremos um quarto para você". "Não quero regalias ou tratamentos preferenciais, quero o que os outros têm." Ele insistiu, mas depois, consentiu.

Eu parecia um daqueles condenados à morte que seguem o guarda até a cela. Quem pensaria no departamento agora? Eu disse a Francesco para comunicar o resultado à enfermeira chefe. Eu disse à minha família que, por razões de segurança, ficaria no hospital para dormir, não disse nada sobre o teste. Durante meses, devido ao risco de infectá-los, eu dormia no alojamento, sozinho, a poucos metros do hospital. À tarde, eles fizeram meus exames, colocaram minha máscara de oxigênio, mas à noite pegaram o capacete.

A enfermeira intimidada me fez uma amostra, eu a tranquilizei e expliquei como fazê-lo melhor. Ele me agradeceu e saiu. Coloquei o capacete, sem oposição. O telefone continuou tocando com mensagens de solidariedade. Coloquei no modo silencioso, não queria incomodar meu colega de quarto que estava tentando dormir naquele saco plástico.

Logo, a procissão dos responsáveis daquele departamento e os anesthesiologistas começaram a chegar, mas eu disse o mesmo a todos: "Não me ajude, ajude o departamento". À noite, meus pulmões ardiam como se eu estivesse respirando fogo. Abri o telefone e rolei as fotos da minha família, o que foi possível ver. Tudo mudaria! Eu queria estar imune, mas não consegui. Eu tinha que ajudar, mas fui derrubado. Eu só queria pedir perdão aos meus pacientes. Adormeci!

## DIA ONZE

Fazia doze horas que eu usava aquele jaleco pesado que não me permitia nem mesmo exalar a exaustão; o telefone não parou, sequer, um minuto de tocar. Em tempos "normais", meu telefone tocava duas, três vezes por dia, mas nas últimas semanas, tudo havia mudado. O andar em que trabalhava era a última etapa da terapia para pacientes com Coronavírus. Os colegas me disseram que os pacientes estavam aterrorizados com o meu departamento e apavorados, perguntavam, assim que entravam: "Não é que eu vou parar na terapia intensiva?". A ala da esperança tornou-se a ala da morte.

A única coisa boa era que, aqui, os pacientes dormiam gentilmente para deixar as máquinas mantê-los vivos. Os gemidos de dor, as lágrimas deixavam espaço para os bips, bips. Os médicos que traziam um paciente pela primeira vez ficavam surpresos ao ver esta sala circular, onde havia vinte leitos empilhados, um ao lado do outro, onde os pacientes dormiam em paz. Eu sempre desejei que eles pudessem, finalmente, descansar um pouco, fazer belos sonhos longe daquele pesadelo que se tornara a vida. Nunca perdi o amor pelo meu trabalho, mas, agora, o cansaço parecia tirar minhas forças até mesmo para permanecer em pé.

O relógio marcava nove horas e, suado e cansado, esperava a troca de turno e, em meu coração, esperava que nenhum outro paciente aparecesse na porta. Andei entre as camas verificando os parâmetros, esperando que todos dormissem abençoados, prontos para acordar logo para uma vida melhor. A troca de turno não chegava. O som da campainha na porta interrompeu a espera. Um médico e um enfermeiro empurravam a cama com um paciente. Meu coração se despedaçou ao ver sua tenra idade.

"Mulher de 35 anos de idade, anamnese alterada, insuficiência respiratória grave por pneumonia Covid-19, terapia com oxigênio em máscara não suportada, intubação imediata necessária e respiração mecânica necessária para recuperar parâmetros", disse o médico.

Isso significava que ela também havia atingido o auge do suporte de oxigênio que poderíamos dar a ela e sua última chance era a intubação, esperando que seus pulmões se liberassem desse vírus da morte.

Eu queria ter dito a ele que meu turno estava terminando, que eles poderiam esperar cinco minutos para que o colega chegasse, mas o senso de dever me levou a dizer apenas: "Vamos lá". Eu e os colegas do departamento nos encarregaremos dela. Ela estava meio consciente. Segurei a mão dela e disse em voz alta, para que ela pudesse me ouvir: "Vai dar tudo certo, relaxe, vou te afastar desse pesadelo para que você possa sonhar livre". Ela apertou minha mão com força. Tirei o capacete de ventilação e seus longos cabelos, negros como a noite, deslizaram na cama.

De seus lábios roxos, se poderia intuir que um dia haviam sido vermelhos, cheios de amor. Quem sabe se ela era casada, se tinha filhos. Naquele momento, ela me parecia a mulher mais linda do mundo. Em seu sofrimento, em sua dor, em seu medo inconsciente da morte. Suas bochechas magras, marcadas pelo jejum da doença. Nós nos preparamos para a intubação. Após os procedimentos, a bela adormecida foi posicionada entre dois cavalheiros de meia-idade. Os sons abafaram em torno dela.

Sua beleza ecoou no departamento e dentro de mim.

Como era possível suportar todo esse horror nessa idade? Sua beleza deveria quebrar o feitiço da morte e, em vez disso, ela também se tornou presa da besta.

Os enfermeiros trabalhavam arduamente, permaneciam em silêncio, não comentavam, às vezes eu os ouvia soluçando. O telefone tocou novamente, e enquanto admirava a beleza da jovem paciente, atendi: "Doutor, a mudança não acontecerá porque o Dr. De Filippo está doente, certamente encontraremos um substituto, precisamos que o senhor tenha um pouco de paciência", disseram-me do outro lado do telefone. "Ok!", respondi e desliguei. Cansado, mas agora resignado, voltei ao trabalho em meio a telefonemas, checagens de parâmetros e consultas. Sempre voltando meus pensamentos à jovem paciente.

De vez em quando eu ia até ela, apertava sua mão e sussurrava doces palavras como se as proclamasse à minha namorada, esperando que ela me ouvisse, esperando fazê-la se sentir melhor. Banalmente, pensei estar apaixonado por ela. Acho que me apaixonei pela beleza que desaparece, pelo amor que se curva para a morte, pela delicadeza da flor que murcha e é estragada pelo vento. Minha mente vagou na esperança de vê-la sair dali, de estar juntos, passear perto

do mar, de poder desfrutar de um dia normal. Sem a máscara que dividia nossas bocas, sem as luvas que dividiam nossas mãos.

A troca de turno veio tarde da noite, toquei sua mão pela última vez, esperando encontrá-la lá novamente no dia seguinte.

## DIA DOZE

O volume da televisão me acordou confuso no sofá enquanto as transmissões, incansáveis, mostravam os números de infectados, hoje, na Itália. Eu sequer abri meus olhos e, de repente, me veio em mente: Papai! Peguei o telefone imediatamente e verifiquei se havia alguma ligação perdida. Passaram-se 12 dias desde que meu pai foi levado pela ambulância porque estava com dificuldades em respirar, a partir de então, eu não pude mais vê-lo. Os médicos nos telefonavam todos os dias e informavam sobre sua condição. Ele estava na terapia intensiva, e já haviam nos avisado que ele não estava bem.

Só conseguimos nos falar ao telefone poucas vezes desde que ele foi para o hospital, graças aos enfermeiros que faziam a ligação e o colocavam pra falar ao telefone. Parecia um pesadelo, uma situação surreal.

Ele foi tirado de mim durante a noite e agora, no pior momento, eu não podia vê-lo. Ele sempre esteve lá, em todas as febres, em todas as hospitalizações, segurando minha mão, me encorajando e eu não podia estar ao lado dele em seu pior momento. Isso rasgou minha alma. Sua solidão, minha solidão, eram grandes paredes que me atormentavam.

Eu estava petrificado, não podia fazer nada durante o dia. Eu ficava colado no celular esperando uma ligação reconfortante, um milagre! Levantei-me, tomei o café da manhã rapidamente e depois fiquei na frente da TV. O repórter disse que houve 721 mortes. É difícil ler esses números como pessoas reais. Antes de tudo isso acontecer com meu pai, eu também olhava esses números como um jogo, como números de loteria. Mas desde que meu pai foi para a terapia intensiva, esses números ganharam um rosto, uma família, um coração, como eu.

Eu estava com muito medo, não conseguia mais tolerar piadas, aplausos do lado de fora das casas. Tudo estava tingido de preto, um preto que devora a alma, que entra nas veias.

Então, peguei o álbum de fotos e comecei a folhear todas as memórias da família. Quando minha mãe ainda estava viva e éramos felizes. Eu chorei por cada momento em que quis dizer "eu te amo" e não consegui, por todos os momentos em que poderíamos ter estado juntos e não o fizemos.

Enquanto minha mente estava cheia de lembranças, o celular tocou. O coração parou por alguns segundos, respirei fundo e peguei o telefone. "Olá, é o filho do senhor Salvina?" "Sim, sou eu", respondi.

Eu esperava com toda a minha força que o que ele tinha para me dizer fosse algo bom, mas dentro de mim eu só conseguia pensar em coisas terríveis. "Infelizmente, como já lhe havíamos antecipado, seu pai não passou muito bem na noite passada e faleceu nesta manhã. Oferecemos nossas condolências e somos solidários." Caí em um tremendo desespero. "Posso vê-lo pela última vez?" Eu perguntei, escondendo minhas lágrimas com um silêncio sombrio.

"Sinto muito mas não pode, o senhor sabe que devido ao Coronavírus, não podemos arriscar mais infecções", desliguei o telefone de repente e me entreguei às lágrimas.

Era um dos piores pesadelos que eu poderia experimentar. Eu não podia nem tocá-lo pela última vez, dizer-lhe que ele tinha sido tudo para mim.

Que morte mesquinha é essa? Que modo ignóbil de morrer? Sozinho, na solidão. Senti ânsia de vômito entre as lágrimas enquanto a proibição do médico e da lei me reduziam à inércia. Eu esperava acordar no dia seguinte e que me revelassem que tudo tinha sido apenas uma piada de mau gosto. A dor pressionava forte meu peito e eu não conseguia respirar.

O telefone tocou novamente: "Sr. Salvina, a linha caiu". "Sim, caiu a ligação, cuido de tudo com a agência e aviso." Ele merecia algo diferente, música, flores. Mas não haveria nada disso. Apenas silêncio! Se eu tivesse tido apenas um minuto para dedicar a ele, eu teria dito a ele que o amava tanto, teria pedido que me perdoasse por não estar lá com ele quando ele mais precisou. Eu esperava que meu amor o mantivesse vivo, mas eu estava errado. Ninguém poderia salvar-se desse monstro, ninguém poderia escapar da morte.

Liguei para a agência para lidar com toda a papelada. O caixão deveria permanecer no antigo armazém da vila naquela noite e depois ser cremado no dia seguinte. Fui deixado sozinho no mundo, minhas raízes teriam sido queimadas em um crematório por um inimigo sem rosto. Eu tentei dormir, mas era impossível. Em violação das regras, peguei o carro e fui para o antigo armazém onde o corpo do meu pai estava. Estava tudo fechado. Desliguei o carro e fiquei lá para orar por ele. Em minha mente as lembranças estavam molhadas junto com minhas lágrimas.



Todo o amor que não havíamos declarado.  
Tudo ao meu redor estava escuro. Eu estava no escuro.  
Eu era a escuridão!

## DIA TREZE

Click! Passei o cartão magnético na porta que me separava do departamento Covid-19. Mais um dia começava marcado por aquela doença, marcado por terapias empíricas, e por não saber qual era a melhor ação para salvar uma vida. "Vamos torcer para que estejam todos bem", era o que repetia para mim mesmo de manhã antes de entrar na ala. Corria pelo corredor, colocando meus pés além da linha vermelha que me separava dos pacientes do novo Coronavírus.

Cheguei há cerca de um mês e meio do extremo Sul para ajudar os colegas que em Bérghamo já estavam exaustos de turnos cansativos, cheguei na ponta dos pés em um mundo já construído.

Com o medo de ter contraído o vírus, especialmente depois que o colega, com quem eu jantei na noite anterior, havia testado positivo para o Coronavírus. Com medo, não de morrer, mas de não poder ajudar os outros, de não ser capaz de ajudar.

Embora tímido a princípio, consegui conquistar o coração da equipe e dos pacientes, que pela manhã já me chamavam pelo nome. Meus pacientes me esperaram no turno, porque como um furacão, entrava em seus quartos, em suas vidas, trazendo um pouco de humanidade, um pouco de alegria, um pouco de despreocupação.

Há alguns dias minha rotina estava indo bem, conseguia dar alta à vários pacientes fazendo-os retornar para suas casas e, a cada vez, menos pessoas estavam indo para terapia intensiva. Quero acreditar e ter a esperança de que a minha alegria tenha ajudado no tratamento deles.

No meu departamento, os pacientes foram divididos em três módulos e fui designado para o turno B, o pior deles. Mas fiquei feliz em pensar que, desde que cheguei ao ponto B, ele passou da morte para a vida. Meus colegas faziam um trabalho extraordinário e eu buscava fazer o meu melhor. De manhã, fazia questão de visitar todos os pacientes, explicando o percurso terapêutico, incentivando-os, segurando a mão de homens e mulheres que, assustados, olhavam para mim e esperavam apenas que eu lhes dissesse algo de bom. De todos os pacientes, no entanto, havia um com quem eu simpatizava ainda mais, Giuseppe. Infelizmente,

após várias tentativas e esforços médicos, Giuseppe entrou no caminho dos cuidados paliativos, pois parecia que nada mais poderia ser feito por ele.

Eu, no entanto, acreditava nele. Acreditava, realmente, que ele poderia vencer, sentia na sua respiração que ele não desistiria. Todos os dias lutei por uma nova terapia, pedi conselhos de colegas e amigos em toda a Itália. Há dois dias iniciamos uma nova terapia para mantê-lo calmo, mas com o cuidado de não piorar a situação respiratória já abundantemente comprometida. Quando falava com seus parentes pelo computador seu lamento me destruía o coração. Nas suas expressões faciais via meu pai, e talvez meus avós. Entrar no seu quarto me despedaçava o coração, ver seus pulsos amarrados na cama, mesmo que fosse a única maneira de salvá-lo, me comovia muito. Sem essas malditas restrições, ele teria removido a máscara de oxigênio e não teria passado a noite. Eu não podia vê-lo assim e, muitas vezes, sem o conhecimento dos enfermeiros, removi as faixas dos seus pulsos e segurei a máscara de oxigênio tranquilizando-o de todas as formas, mesmo que apenas por pouco tempo. Sussurrei o nome dos seus filhos em seu ouvido, apertando sua mão. Eu disse a ele que o levaria ao lago para pescar e depois correr pelos prados.

Naquela manhã, tudo parecia muito quieto, enquanto no meu coração eu esperava que todos ainda estivessem lá e ninguém tivesse ido para tratamento intensivo, sentei-me no computador depois de vestir minha armadura protetora. O nariz quase sangrando pelo peso da máscara. Depois de ter visto os resultados da noite, decidi começar o passeio. Sra. Antonella, depois Sr. Presenti. Entrava no quarto falando alto: "Bom dia!" E todos sorriam quando eu passava. A melhor cura para essa doença, acredito que tenha sido o amor, a serenidade, procurava envolvê-los com tudo isso.

Por volta das 11 horas, era hora de entrar no quarto de Giuseppe. Sentia o coração acelerado todas as vezes que eu estava prestes a atravessar a porta que me separava dele. Tomei coragem e entrei. Um cavalheiro de barba raspada olhou para mim com lucidez na cama e disse bom dia. Fiquei surpreso, no começo, porque não entendi quem era essa pessoa na cama. Arregalei os olhos e sim, era ele, era Giuseppe.

"Bom dia senhor Giuseppe, como vai?" Eu disse a ele. "Bem, minha boca e minha garganta estão secas." Eu não podia acreditar nos meus olhos. Então eu

respondi: "Mas você sabe qual seu nome e onde estamos?". "Eu sou Giuseppe e estou no departamento de doenças infecciosas", ele respondeu calmamente.

No momento eu pensei que era um sonho. Como é que aquele moribundo, que gritava à noite, que queria morrer, pudesse ser aquele homem? Lágrimas de descrença e felicidade desceram sob a máscara, eu não podia acreditar nos meus olhos. Esta doença poderia então ser curada, não era uma nuvem escura que devorava o que encontrasse. Não pude resistir a perguntar: "Você se lembra de mim?". Ele respondeu "Claro que sim!".

Eu não sabia se aquela resposta era certa, se ele realmente lembrava de que todos os dias eu apertava a mão dele para lhe dizer o nome dos filhos dizendo que estavam esperando por ele em casa. Eu estava vivendo um sonho durante o pesadelo do Coronavírus. Tenho certeza que ele se curou porque realmente queria se curar. Lembro-me de quando acariciei seu rosto quando todos os parâmetros eram negativos e para ele o prognóstico era péssimo. Espero que ele não se lembre de nada disso, mas apenas do amor que eu lhe dei quando ele ainda não sabia que estava muito mal. Eu o cumprimentei enquanto as lágrimas fluíam livremente e ele piscou para mim dizendo obrigado.

Talvez houvesse esperança, talvez houvesse vida se você quisesse amar neste mundo, apesar desse vírus maldito. Eu peguei o telefone imediatamente e disquei, rapidamente, o número da família para notificá-los. Quando ouvi "pronto" do outro lado, disse: "Giuseppe está bem, voltou a ser quem era antes". Do outro lado, houve um grito de felicidade, de alegria, de segurança.

Eu nunca tinha dado muita esperança, mas tinha certeza de que ele conseguiria, eu sabia, dentro de mim. Do outro lado, eu ouvi dizer entre os soluços: "Obrigado, doutor, por nos dar a oportunidade de abraçar novamente nosso pai". "Agradeçam a ele por seu desejo de viver." Depois de explicar o que aconteceu, desliguei o telefone. O dia poderia até terminar aqui, eu havia vencido minha batalha contra o vírus, contra a morte, colocando apenas minha coragem, me opondo, com todo o amor que existia dentro de mim!

## DIA QUATORZE

Impacientemente, na cama, esperei que meu filho viesse me pegar. Na noite anterior eu comecei a chorar e soluçar quando descobri que eles tinham me dispensado e eu poderia ir para casa.

Finalmente, meus pulmões começaram a respirar o mesmo ar que todos estavam respirando, é difícil explicar em palavras como é ser um astronauta dentro de uma bolha de plástico, depois um escravo, com uma máscara com um balão de plástico e depois com uma máscara que tem uma tampa de plástico que muda de cor. Eles chamavam isso de terapia de redução de escala de oxigênio, eu chamei de escalada pela liberdade. Mas agora parecia tudo acabado, ao entrar nunca imaginei que pudesse sair vivo dali. Vendo na televisão os numerosos caixões levados pelo exército para outros municípios, à noite, por diversas vezes pensava que eu também sairia daquela forma.

Meu coração batia forte, eu esperava que a enfermeira viesse me dizer que meu filho estava lá fora. Do outro lado da cortina estava Michele, eu nunca vi direito o rosto dele, eu conseguia ver somente seus pés e de vez em quando trocávamos algumas palavras. Naquela manhã, eu disse a ele que logo chegaria, também, a vez dele voltar para casa, que era possível curar-se dessa doença terrível, assim como havia acontecido comigo. Ele não acreditou muito nisso. E, talvez, ele estivesse certo, porque antes de Michele muitos haviam estado atrás daquela cortina: Giuseppe, Filippo, Anna, Federica e nenhum deles havia deixado o departamento. Eu era verdadeiramente um dos poucos. Mas, naquela sala de poucos metros quadrados, éramos a única esperança para nós mesmos. Às vezes, me sentia culpado por ter sido curado, enquanto muitos outros tinham ido para a sala de reanimação, enquanto muitos outros haviam morrido. Naqueles dias difíceis, o que me manteve vivo foi o amor pela minha esposa, pelos meus filhos, o amor pela vida. Mesmo quando pensei que nunca conseguiria, sempre pensei, decididamente, sobre esse dia.

A enfermeira interrompe meus devaneios e meus pensamentos sobre toda a vida aqui dentro: "Sr. Fiorella, vamos lá, sente-se na cadeira de rodas que eu o levo até seu filho, as férias terminaram." Eu sorri e meu coração começou a bater ainda mais forte, coloquei minha máscara e me sentei, lentamente, na cadeira de rodas.

Eu disse adeus à Michele e disse a ele que iríamos nos reencontrar, mas ele não me respondeu. Finalmente, vi o que estava além daquela porta que me separava do mundo inteiro. No corredor, havia médicos e enfermeiros, todos fardados. Eles começaram a aplaudir! Não sou um homem que chora, mas essa cena me comoveu. Os verdadeiros aplausos foram para àqueles que arriscaram suas vidas por mim, para falar em voz alta perto do capacete do C-PAP que faz você não se sentir bem, para segurar minha mão quando pensei que não conseguiria resistir. Eu me senti como uma estrela, quando, na realidade, as estrelas eram eles, aqueles médicos, enfermeiros, que talvez tivéssemos criticado injustamente. Fui até o corredor do hospital e vi meu filho. Foi a primeira vez que nos vimos em cerca de um mês e meio. Ele veio correndo em minha direção, chorando como uma criança, como quando era criança e fugia de mim saindo da escola. Nós ainda não conseguimos nos abraçar e ele ficou lá com a máscara chorando na minha frente, ele não conseguia dizer nada!

Ele agradeceu à enfermeira e ficamos sozinhos, eu e ele, um de frente para o outro. Não havia nada para ser dito, já tínhamos falado tudo, apenas com os olhos, espreitando por cima da máscara. As pessoas, ao nosso redor, nos olhavam e se afastavam com medo do vírus. Mas eu não me importava, finalmente eu tinha diante de mim aquilo que desejei por tanto tempo. A certa altura, meu filho me disse: "Pai, eu vou te levar para casa!". Eu assenti em lágrimas. Ele empurrou a cadeira de rodas e me levou para fora, o ar quente me lembrou que o verão havia chegado no silêncio da doença. Era estranho me surpreender com o vento soprando suavemente. Meus olhos estavam queimando com a claridade muito forte, me senti como uma daquelas crianças que trabalhavam anos e anos em uma mina. Finalmente, senti a vida nascer dentro de mim! Eu estava fora daquele pesadelo, minha cidade me esperava silenciosa!

## DIA QUINZE: A REVELAÇÃO

Cidades ao redor do mundo continuaram em quarentena, no céu não havia aviões, nos trilhos não corria nenhum trem e nenhum carro lotava as estradas. As pessoas ficaram lá por tanto tempo que esqueceram o mundo ao seu redor. As pessoas permaneceram coladas nas telas, nos telefones celulares, prontos para ler os números de contagiados, para fazer previsões sobre o fim da pandemia. Como em um grande Big Brother mundial, todos estavam trancados em suas casas, trabalhando, vivendo, comendo.

Embora, depois dos tumultos iniciais, o povo, assustado, permaneceu em casa, seguiu as instruções, renunciou, aterrorizado pela morte.

Os hospitais haviam se tornado locais de oração e os cemitérios locais muito cheios. Há muitos dias os chefes das nações não davam mais as suas próprias notícias, as TVs exibiam filmes antigos e transmitiam reprises.

Os animais invadiram as cidades e se apropriaram do que pertencia a eles, do que era deles por direito.

Os abraços eram consumidos apenas em casa, fora de casa era permitido transitar somente a distância. Um equilíbrio bizarro havia sido estabelecido nas cidades. Alguns diziam que se tratava de uma situação de guerra, mas, na realidade, era muito pior. Embora o Coronavírus não tivesse afetado a todos, ele havia mudado a todos, e não se sabia por quanto tempo ele ainda dominaria o mundo. As pessoas se perguntavam quando voltaria a normalidade, mas a verdade é que a normalidade não existia mais. As lembranças das noites na companhia de beijos e abraços estavam distantes, tão distantes que pareciam antinaturais.

Segundo a química: "Nada é criado e nada é destruído, tudo é transformado!", e isso aconteceu com o mundo, tudo se transformou, o homem se adaptou a uma vida estranha, mas que ainda era vida.

Em todas as casas, a certa altura, uma música estranha soou; nas TVs e nos celulares, a escrita apareceu: "Comunicação para redes unificadas em todo o mundo". Todos se conectaram lentamente, assustados, curiosos, até que um homem na tela iniciou um discurso, expresso em todas as línguas do mundo:

*"Homens, mulheres, crianças deste mundo, bom dia. Hoje é um ótimo dia porque encontramos a cura para o Coronavírus, que parou o mundo por tanto*

*tempo, que parou a nossa vida e que interrompeu nossa normalidade. Somente hoje, o fim da pandemia pode ser sancionado, somente depois que o tratamento for estendido a todos os países do mundo será possível retomarmos a vida em sua normalidade.*

*Como Presidente Internacional da Gestão da Pandemia espero, no entanto, que não voltemos à vida normal. Esse vírus nos dividiu, destruiu famílias inteiras, mostrou o que é bom e o que é ruim em cada um de nós. Esse vírus aumentou a distância entre as pessoas, materializou o desapego e a indiferença que caracterizaram os homens nos últimos anos.*

*Hoje, temos uma chance de renascer; hoje, temos uma chance de mudar; hoje temos a oportunidade de mudar nosso modo de vida, de retornar, não ao normal mas a um mundo melhor.*

*Aprendamos com essa experiência dolorosa a possibilidade de mudar a nós mesmos, de amar, de diminuir distâncias, de pensar em igualdade.*

*A mesma igualdade que esteve diante da morte trazida pelo vírus. Por esse motivo, cada um de vocês terá acesso ao tratamento que eliminará qualquer risco de reapresentação da doença, desde que se submeta a um pacto ético e moral.*

*Ser melhor é o pacto, serem solidários, unidos, ser uma única humanidade pronta para apoiar um ao outro, a amar um ao outro. Encurtem as distâncias e voltem a se abraçar em cada dia de suas vidas. Se essa é a cura para a doença, somente vocês podem curar esse mundo dividido e destruído pelo ódio.*

*“À vocês, a escolha!”*

O vídeo foi interrompido deixando todo mundo atordoado em suas casas. Por um momento o mundo parou para refletir, cada pessoa pensou no que tinha acontecido. Não houve homem que começasse a insurreição, que aplaudisse, todos haviam entendido.

O véu que havia sobre as consciências havia sido rasgado!

E, VOCÊ... está disposto a mudar para a CURA?



## INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR



Leonardo Gaglio, médico e escritor. Nasceu em 1º de março de 1990, em Palermo e passou seus primeiros 30 anos em uma pequena cidade da província: Montelepre, onde dedicou-se durante muito tempo a iniciativas de voluntariado e criou a associação ARCA, por meio da qual desenvolveu inúmeras iniciativas.

Depois de se formar com honra em Medicina e Cirurgia, em Palermo, decidiu tornar sua profissão uma missão, realizando atividades com a *Croce Rossa Italiana ed Emergency*.

Em 2019, foi aprovado no concurso para Oficiais Médicos Nomeados Diretamente pela Marinha Militar Italiana e em breve concluirá o processo de treinamento planejado.

